

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e de comércio
Telefone 12
Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO V — N.º 241 — Domingo, 19 de Janeiro de 1958

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ELECTRICIDADE PARA TODOS

A electrificação geral do País vai-se concretizando em ritmo certo. O trabalho que se desenvolve para que tal finalidade seja atingida, observa-se em todas as províncias portuguesas. Ainda há dias o Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria, Sr. Eng.º Magalhães Ramalho, na sua visita ao Norte, teve oportunidade de apreciar os trabalhos em curso para a distribuição de energia eléctrica à província de Trás-os-Montes e Alto Douro e recentemente o mesmo membro do Governo acaba de aprovar o Plano-Geral de Participações para Obras de Pequena Electrificação em 1958, último ano do esquema de subsídios fixados pelo Decreto n.º 40.212, de 30 de Junho de 1955.

Estas participações elevam-se a setenta mil contos e destinam-se a satisfazer um conjunto de pedidos pendentes, cujo orçamento de obras atinge o montante de cerca de 240.000 contos.

Elaborou-se criteriosamente a distribuição des-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

LEIA

no próximo número:

«Declarações acerca do Algarve», feitas pelo deputado sr. dr. Mário Morais de Oliveira ao nosso redactor-delegado em Lisboa, Júlio Paesosa.

Um artigo

de grande actualidade:

«SÓ OS ALGARVIOS SÃO OS CULPADOS DO GRANDE ATRAZO TURÍSTICO DA NOSSA PROVÍNCIA».

TEMAS DE TURISMO

OLHÃO E... DINAMARCA

NUM destes últimos dias, encontrando-me em casa para jantar, oiço baterem-me à porta. Supondo que me viessem chamar para algum enfermo da gripe asiática em voga, corro à janela... «Doutor, preciso de si» — diz-me um amigo que vejo em baixo. — «Está aí um casal dinamarquês que há pouco encontrei na rua à procura de hotel ou pensão... Num inglês de fantasia lá consegui entender-me com eles, e levei-os à Pensão Helena... Tinha paciência. Como não há comissão de turismo, tem que ser assim... Eles falam francês e alemão...»

Claro que em face disto, não

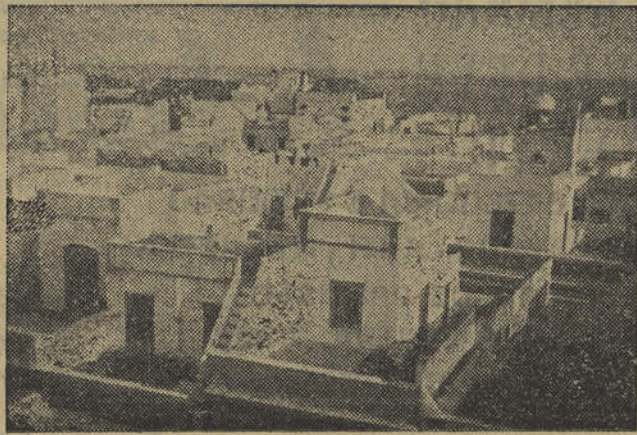
zendo-lhes eu que lhes poderia trazer um livro em alemão para melhor se informarem quanto a Olhão — o livro excelente do dr. Jacob Job, — Portugal — Land der

PELO
Dr. F. FERNANDES LOPES

Christusritter — responderam-me que o tinham já e precisamente por ele se haviam guiado, vindo a Lisboa, por Setúbal, Portinho da Arrábida, Praia da Rocha, Faro...

Dizendo-lhes eu que era médico e declinando o meu nome, ficaram muito agradavelmente sur-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



Açoteias de Olhão

quis deixar de acompanhar o meu amigo — para dar algum remédio a esta moléstia... turística.

O casal estava a jantar; ele, entre 30 e 40 anos, um rapaz magro mas forte, com uma curiosa barbicha, em bico e a orlar-lhe os maxilares em volta, à cômica maneira grega antiga; ela, algo mais jovem, tipo nórdico, de rosto claro, franco, vivo, fisionomia risonha, muito simpática. Estavam comendo eirós que parecia não lhes agradar — em todo o caso, peixe que desconheciam... E preferiram passar ao prato de carne que a criada me indicara e eu lhes comuniquei em alemão, ficando agradados... Como eles falavam pouco o francês, foi de mistura com o meu alemão destreinado (que todavia entendiam menos mal), que chegámos a uma compreensão quase suficiente... Di-

OS PESCADORES DO BURGÃO

VÃO TER UM CENTRO DE ASSISTÊNCIA

No importante centro piscatório do Burgão, na freguesia da Luz, no concelho de Lagos, vai ser construído um Centro de Assistência, estando a importante obra orçada em 478.000\$00.

De vez em quando... O POSTO ESCOLAR DE PÃO DURO

JÁ que no meu último escrito falei da escola das Taipas uma luz que se acende em meio de cerrada escuridão trago hoje a capitulação do posto escolar de Pão Duro, o extinto posto escolar de Pão Duro, cuja extinção já vai tão longe que se vai esbatendo na memória dos homens que o conheceram. É Pão Duro um pequeno povoado no alto de um monte em cuja raiz corre uma ribeira que as águas caudalosas do inverno tornam brava e que por muitos dias e por aquele lado fecham o trânsito.

Formam-no pouco mais de vinte fogos pouco se avançando uns aos outros em haveres e todos completam suas sementeras em terra alheia. Da rudeza da sua vida diz o seu nome — Pão Duro. Creio que é bem significativo. É uma legenda de sacrifício.

Porque a escola fica a alguns quilómetros de distância e porque a ribeira fecha por muitos dias o caminho às crianças que têm necessidade de a frequentar, resolveram os habitantes numa comunhão unânime e dentro das suas poucas possibilidades construir uma casa que ser-

OBRIGADO E LOUVOR

ROS JOURNIS DE S. PAULO

NASceram em S. Paulo, essa imensa cidade tentacular, essa metrópole feérica, ultramoderna, superestrutura de ferro, aço e cimento armado. E ali, no fulcro dessa aranha gigantesca, deram-se as mãos serenas e lançaram-se na doce certeza de abrirem-se na sua arte e o seu profundo amor à Poesia, um admirável caminho de beleza, rastro subtilíssimo duma mensagem de espírito, cheia de grandesa e simplicidade.

E caminhando viris, conscientes e humildes, enfrentam decididos, sem temor, os congestionados rodopios do cotidiano, repleto de angústias e inquietudes.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

A MULHER, ESPECIALMENTE A CASADA DEVE OU NÃO EXERCER UMA PROFISSÃO?

RESPONDE JOSÉ DOS SANTOS STOCKLER

SENDO a mulher, como o homem, um ser humano, ela tem, por um princípio lógico e aceitável, o inegável direito à sua emancipação directa, ou seja a superiorizar-se; por outras palavras: a tornar-se livre e independente, exercendo também uma profissão. E isto porque, a mulher, como o homem, nasceu para algo mais do que ser apenas a simples companheira-esposa. Ela nasceu mais para, ao lado do homem, trabalhar pela causa-colectividade, do que propriamente para servir a causa-homem, como,

CURSOS DE ENSINO PROFISSIONAL

O Sindicato Nacional dos Motoristas Marítimos e Fluviais do Distrito de Faro, abriu na semana finda, cursos de ensino profissional nesta vila, em Portimão e em Olhão, que funcionarão durante o período de defeso da pesca da sardinha, destinados especial e gratuitamente aos seus associados, podendo neles inscreverem-se indivíduos não sócios, a fim de se habilitarem para o exame de ajudante de motorista, mediante o pagamento de uma pequena importância mensal.

erradamente, vem acontecendo. E que a mulher, como o homem, nasceu para acompanhar os movimentos da vida, trabalhar ao lado do homem, quer no campo profissional como colectivo e político. Isto, quanto à mulher solteira, período em que a mulher deve procurar obter aquela independência humana a que bem tem direito, tornando-se livre, quer aos olhos do homem, quer da sociedade, em prol da colectividade.

Para que a mulher consiga esta legítima parcela de direito que lhe pertence por um princípio lógico e na verdade até certo ponto aceitável, bastará que o homem lhe reconheça esse direito e a coloque na estrada real que lhe pertence, dando-lhe a ela, mulher, o mesmo pleníssimo direito que ele tem de colaborar no campo profissional, colectivo ou político, pois só assim ela é, de facto, um ser humano e livre!

A ENTREGA da medalha de ouro

AO COM. LUÍS FIGUEIREDO

HOMENAGEM que, conforme anunciamos, foi prestada, no passado domingo, ao distinto comandante dos Bombeiros Voluntários desta vila, constituiu uma invulgar e expressiva prova de quanto é considerado e estimado, não só nesta vila, como na nossa Província e fora dela, o sr. Luís Cardoso de Figueiredo.

A cerimónia realizada nos Paços do Concelho, e que foi presidida pelo sr. Matias Barroso Gomes Sanches, presidente do Município, assistiram, além de muitas autoridades, os srs. drs. José Correia do Nascimento e José Fagulha, presidentes das Juntas de Província do Algarve e do Baixo Alentejo, e um representante do Alcaide de Alentejo. Estiveram, ainda, presentes, representadas pelos respectivos comandantes e

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

A MORTE DO MARQUÊS DE LOULÉ

A MORTE do marquês de Loulé foi muito debatida e aproveitada pelos liberais, mórmente depois

o que vem acontecendo desde ontem até aos nossos dias, sem razão de ser, ela não alcança a independência que lhe pertence e a colectividade, como o próprio homem, perdem com isso, o que o homem depois será o próprio a reconhecer, embora já tardiamente. Quando a mulher atinja o nível que lhe pertence, atinge, nessa fase, o nível da própria craveira

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

UMA CONFERÊNCIA DE GENTIL MARQUES EM ALFAMA

Na Sociedade União, em pleno bairro típico da velha Alfama, tiveram o ensejo de se reunirem no dia 15 do corrente, diversas individualidades relacionadas com o turismo e a vida da capital, assim como inúmeros jornalistas, poetas e escritores, de merecido relevo na nossa literatura.

A conferência, em moldes inéditos no nosso país, causou a mais viva admiração, na assistência que enchia por completo o amplo salão, tendo merecido justos aplausos da crítica. O conferencista, bastante conhecido no nosso país, o notável poeta e jornalista Gentil Marques, subordinou a conferência ao título «Todos os caminhos vão ter a Alfama», tendo acompanhado com projecções luminosas de intenso colorido e musicas gravadas as suas observações perfeitas e inéditas, sobre o futuro turístico daquele bairro lisboeta.

Gentil Marques, tendo feito notar de maneira directa e espectacular o valor turístico de Alfama, fez com que as individualidades presentes iniciassem um movimento, tendente a tornar Alfama «UM MUSEU VIVO DE TRADIÇÕES», tendo-se constituído para tal fim, uma comissão que dedicará o seu maior carinho a esta justa pretensão de reintegração arquitectónica deste bairro lisboeta.

Pelo sucesso atingido, felicitamos o notável conferencista.

apresenta
JOSÉ DOS SANTOS MARQUES
UMA CRÓNICA
por semana

UM Jornal vale sempre pelo que representa, por aquilo mesmo que diz e como diz nas suas colunas e pelas atitudes que toma por intermédio dessas palavras e ainda pelo

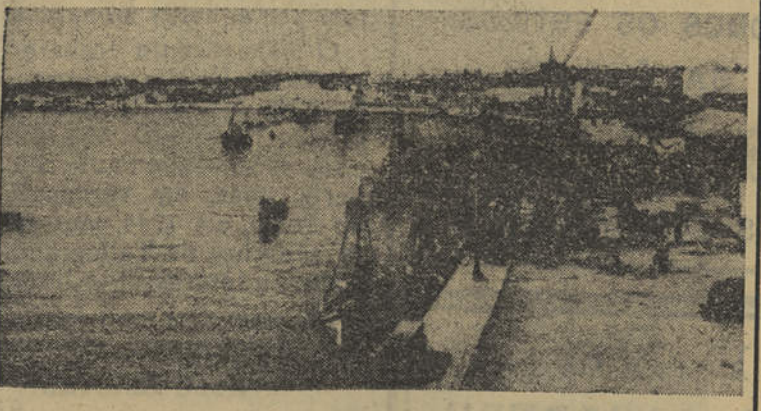
realce que a sua paginação dá ao que publica. Portanto, daqui pode deduzir-se que a paginação é tão importante como a directriz que segue ou os trabalhos que publica.

ABASTECIMENTO DE AGUA A CABANAS E CONCEIÇÃO DE TAVIRA

Pela verba do Fundo do Desemprego, o sr. Ministro das Obras Públicas concedeu à Câmara Municipal de Tavira, uma participação no valor de 15.000\$00 para abastecimento de água às progressivas povoações de Cabanas e Conceição.

Acontece, porém, que a maior parte dos jornais portugueses não têm paginadores capazes. Não basta que o tipógrafo encaixe as notícias e os artigos procurando tirar o melhor partido gráfico; é absolutamente indispensável uma consciência ornamental, que não se exige ao tipógrafo mas ao redactor-paginador.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



CARTA DE PORTIMÃO

SINFONIA ALGARVIA em quatro andamentos

1. — EM frente da janela do meu quarto, existe uma amendoeirinha, tímida, ingénua e precoce. Deu flor o ano passado pela primeira vez... Já deu flor este ano. Foi talvez na noite de Natal que o milagre se consumou. Quiz, ela também, dar o seu contributo, inocente e humilde, à sagração da maternidade que a humanidade acaba de comemorar. Do fundo

de si própria, pedindo forças à sua fraqueza humilima, a pequena amendoeira despertou para o Natal com duas flores suspensas dum galho, até então seco, triste e nu. Mais tarde, outras flores apareceram. São agora muitas. E todas elas brancas e simples, prenúncio duma Primavera que tarda ainda, mas que toda a natureza

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

JOSÉ ESTEVAM

QUADRA
QUIZERA PODER DIZER SEM TER DE TEMER NINGUÉM QUE A MORTE NÃO É MORRER E RENASCER NO ALEM
D. R.

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se em Lisboa, em gozo de licença, o nosso querido amigo e prezado assinante em Angola, sr. Manuel dos Reis Mora Cruz, chefe da Agência da Junta de Exportação do Café, em Luanda.

Acompanhado de sua esposa, regressou de Paialvo à sua casa de Faro, o sr. prof. Virgílio Ferreira Fagundes, ilustre Director do Distrito Escolar e nosso prezado amigo.

Com curta demora esteve nesta vila, o nosso estimado amigo sr. dr. António Joaquim de Almeida, dig.º Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Loulé.

Com curta demora esteve nesta vila, tendo já retirado para Lisboa onde reside, o nosso prezado amigo e assinante sr. dr. Armando Celorico Drago.

Nascerimentos

Num quarto particular da Maternidade do Hospital desta vila, deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª dr.ª D. Maria Adalina Carrilho Medeiros Madeira Pinto, esposa do nosso querido amigo e distinto colaborador, sr. engenheiro-agrônomo Acácio Madeira Pinto.

As nossas felicitações.

No passado dia 11 do corrente, deu à luz uma criança do sexo feminino, a sr.ª D. Ilda Dias Belião, esposa do nosso prezado amigo e assinante sr. Jaime dos Martires Belião

Casamento

Na igreja dos Jerónimos, em Lisboa, realizou-se há dias, com grande brilhantismo, a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Pacheco de Aragão Barros, gentil e prezada filha da sr.ª D. Maria Fernanda Pacheco de Aragão Barros e do sr. José de Aragão Barros, importante industrial e nosso estimado amigo e assinante em Olhão, com o sr. 2.º Tenente João Caiado Gago Falcão de Campos, filho da nossa comprovinciana sr.ª D. Berta Caiado Gago Falcão de Campos e do sr. Comandante Francisco Freire Falcão Ribeiro de Campos, nosso prezado amigo e estimado assinante em Lisboa.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Maria Cândida Larião Supico e o seu marido sr. Eng. José Luís Supico e, por parte do noivo, seus pais.

Foi celebrante o Rev. sr. Padre João Cabeçadas, que fez no final da cerimónia uma brilhante alocução aos noivos.

Em seguida foi, pelos pais da noiva, oferecido um finíssimo lanche, no Restaurante de Montes Claros, aos numerosos convidados.

Após uma breve digressão pelo País, o novo casal, a que desejamos todas as venturas de que é digno, seguiu para a Itália, onde fixará, em Génova, residência temporária.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

VAI A LISBOA?

VISITE A GRANDE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO EM TODOS OS ESTILOS NOS MODELARÉS SALÕES DE **MÓVEIS JANEL** NA RUA RODRIGUES SAMPAIO, 76-A

ANUNCIE NO "NOTÍCIAS DO ALGARVE"

As maiores Firmas portuguesas estão a preferir o «NOTÍCIAS DO ALGARVE» para a rápida expansão dos seus produtos na nossa Província

A GRANDE EXPANSÃO E POPULARIDADE DO «NOTÍCIAS DO ALGARVE» EM TODOS OS SECTORES DA VIDA ECONÓMICA E SOCIAL DA NOSSA PROVÍNCIA, GARANTEM UMA ÚTIL E PROVEITOSA PUBLICIDADE

A morte do Marquês de Loulé

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

já não existia e fora transformada em saguão.

A janela era rasgada, sem grades, pois o edifício começara a arruinar-se; e o marquês, desconhecendo daquele perigo, caiu no saguão e morreu da queda.

O Doutor Torres, corregedor da comarca de Santarém, procedeu ao exame de «corpo de delito» no cadáver, com dois cirurgiões, e as testemunhas depuseram que o marquês não tinha o mais leve sinal de ferimento ou contusão.

Mas Lacerda, ministro da Justiça, inimigo de D. Miguel, intimou o corregedor a substituir o auto do «corpo de delito» por outro, ditado por ele, e com novas testemunhas, ao que o magistrado se recusou; e o ministro deu descaminho ao processo, que não satisfazia a causa liberal.

Propalaram os adversários de D. Miguel que este Infante mandara assassinar o marquês, por parcial do novo sistema político saído da Revolução de 1820, quando havia em iguais circunstâncias, tantos outros validos.

Distinguindo sempre os filhos do marquês de Loulé com subidas honras, D. Miguel levou consigo para o exílio D. José Maria Mendonça, filho natural daquele titular; e nem a prole do primeiro duque de Loulé acusou D. Miguel de promotor da morte do marquês.

Existem mais peremptórios documentos que ilibam D. Miguel de tais acusações: o de Pinho Leal, que o expendeu em *Portugal antigo e moderno*; e a carta de Manuel Maria da Silva Bruschy a Silva Gaio, que a inseriu em *Mário*, romance histórico liberal, declaradamente desafecto a D. Miguel e a seus partidários.

Também se desfizeram as arguições a D. Miguel em vários artigos do antigo periódico *A Nação*, e o democrata Joaquim Martins de Carvalho, em *O Conimbricense*, de 18 de Dezembro de 1888, tomou o crime à conta dos defensores do Infante.

Disse Alberto Pimentel, em *A Estremadura Portuguesa*, que leu o processo então instaurado e dele concluiu que o assassinio devia ele ser atribuído a algum amigo de D. Miguel, «com ex-

clusão da responsabilidade pessoal do próprio Infante.» E já agora, há-de se adicionar a estas versões mais duas, que então correram.

Como o marquês de Loulé se postara, do ano de 1807 a 1813, ao serviço de Napoleão, contra Portugal, o homicídio ter-se-ia por obra de vingança de esturador patriota; mas também se imputava aos realistas, pois o marquês havia sido pedreiro-livre, não se levando em desconto o perdão do Príncipe Regente, que assim o restituiu ao convívio da Corte.

O defunto Conselheiro António Cabral manuseou o processo, que se encontrava na Seccção dos Feitos Ffindos, manuscritos da Torre do Tombo. Em *A morte do Marquês e A Resposta aos críticos*, livros publicados em 1930 e 1937, estampou as declarações das testemunhas, e mais peças do auto; e desses depoimentos deduziu que o marquês fora vítima de um desastre.

Sobre D. Miguel, havia muito que dizer. Especialmente na Biblioteca da Ajuda, deparam-se preciosos documentos inéditos que atestam a popularidade daquele monarca.

E não sómente das guerrilhas do Ribatejo, compostas de oficiais e soldados voluntários, se patenteia o fervor do povo pelo filho segundo de D. João VI, que simbolizava o passado, com os usos e costumes dos avoengos.

No Algarve, o destemor e o desinteresse do Remexido e dos seus homens respaldam-no no jogo da vida em holocausto à tradição.

O Remexido — essa notável figura que bem merecia ser arrancada ao silêncio em que tem jazido —, caiu às balas assassinas dos liberaes, que sabiam que a Rainha lhe havia comutado a pena de morte. Não o queriam vivo!

Sem contestação que inculque crédito, D. Miguel foi o rei mais querido depois de D. Sebastião, posto que não deixasse de sofrer da arma acerada que se denomina calúnia.

O ódio político levou a duquesa de Abrantes, a jacobina mulher de Junot, a bolsar infâmias sobre D. João VI e D. Miguel, em *Souvenirs d'une ambassade*, que saíram, em Paris, no ano de 1837, discorências de que se têm servido alguns escritores, tanto que se lhes oferece ensejo de manifestar o pesadume que sentem por aqueles monarcas.

O mais recente trabalho acerca de D. Miguel intitula-se de *A Maçonaria na luta pelo Poder — D. Miguel e sua época* —, de Paulo Siebertz, posto em vernáculo no Porto, em 1944, com esta sentença de Tallegand, a abrir o interessante livro:

Há uma arma mais terrível que a calúnia — é a verdade! José Estevam

As mais lindas Rosas de Portugal

As mais famosas árvores de fruto



Árvores florestais — Construção de Jardins e Parques Consulte o nosso catálogo que é enviado grátis

Moreira da Silva & F.ª L. da

Rua D. Manuel II, 55 — PORTO



PROVINCIA

TAVIRA

Números de Polícia

Começou a pintura dos números de polícia nas portas desta cidade, facto que não se registava há mais de 20 anos, pelo que tudo estava praticamente desactualizado. Muitas das vezes os carteiros passavam tratos de polé para entregarem correspondência. Daqui felicitamos a entidade que mandou proceder a tal melhoramento.

Subsídios para Obras

Pelo «Fundo do Desemprego» foi concedido para obras no concelho de Tavira, as seguintes verbas: Para abastecimento de águas a Conceição e Cabanas, esc. 15.000\$00. Para reparação da Estrada de Tavira a S. Brás de Alportel, esc. 23.000\$00

O comércio de Aves

Tavira, uma cidade que tinha fama de se comprarem aves a preços acessíveis, está presentemente impossibilitada de correspondente à fama de outrora, porque aparecem aqui comerciantes oportunistas que compram o que melhor aparece aqui para levarem e venderem noutras terras a preços exorbitantes. Isto verifica-se todos os dias no

Mercado Municipal, a qualquer hora, e na presença dos fiscaes que a Câmara paga e mantém. Ora parece-nos que há uma disposição camarária que proíbe a compra para revenda antes das 13 horas. Porque não se mantém esse disposição? Chamamos para tal a atenção da entidade competente.

Falecimento

No Hospital desta cidade, faleceu o sr. Alexandre Parreira, pessoa muito conhecida na cidade e antigo Regedor da Freguesia de Santiago.

A sua morte foi muito sentida na cidade, tendo o seu funeral sido bastante concorrido. À família entulada endereçamos sentidos pesames. — e.

PREZADO ASSINANTE

O seu auxilio ao nosso jornal será valiosissimo, se nos indicar um novo assinante!

O RELÓGIO QUE DEVE USAR

Telmar

ALTA CATEGORIA E PRECISÃO
INCABLOC - ANTI - MAGNÉTICO
REGISTO DE PRECISÃO
GARANTIDO CONTRA TODOS OS ACIDENTES

A VENDA EM TODAS AS BOAS RELOJOARIAS E OURIVSARIAS DO PAÍS

ADQUIRA UM "TELMAR"



CINE-CLUBE DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Tem sido elevado o número de novos sócios inscritos no Cine-Clube de Vila Real de Santo António, desde que foram anunciadas as regalias pelo mesmo concedidas, de 2 sessões mensais a partir de Março, sem aumento no preço da cota, e do desconto de 1\$00 por bilhete da plateia nas sessões normais do Cine-Foz recomendadas por aquele Clube de Cinema.

Além destas facilidades, há que registar ainda outra: Nas sessões do Cine-Clube que não tenham classificação especial, os sócios podem fazer-se acompanhar dos filhos dos 12 aos 16 anos, os quais devem ocupar as primeiras filas da plateia.

Com o excelente filme «Entre Mulheres», exibido na quinta-feira, efectuou o Cine-Clube a 3.ª sessão recomendada, a que em breve outras se seguirão.

Na sexta-feira, dia 24, às 21,15, no Cine-Foz, realiza a sua 25.ª sessão, com o filme «Loucuras de Milonário», de Alexandre Mac Kendrick.

«NOTÍCIAS DO ALGARVE» VENDE-SE EM LISBOA na Tabacaria Antunes & C.ª Av. Almirante Reis, 22-C (aos Anjos)

CARNAVAL EM LOULÉ

Realizou-se no Salão Nobre da Câmara Municipal de Loulé uma reunião das diversas comissões encarregadas de levar a efeito, nos dias 16, 17 e 18 de Fevereiro próximo, em recinto próprio vistosamente engalanado, as já tradicionais Batalhas de Flores, que este ano prometem revestir-se de excepcional brilho, dado o elevado número de carros alegóricos inscritos.

O programa definitivo destes festejos será oportunidades anunciadas.



PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINHO & C.ª

Vila Nova de Gala

CINE-FOZ

Hoje, em cinemascopo «UMA ILHA AO SOL», com James Masson, Joan Fontaine. Um autêntico monumento cinematográfico com um elenco único.

Terça-Feira, em Vista Vision «O SANTO DO RINGUE» com Paul Douglas e John Dereck.

Quinta-Feira, em Vista Vision «O HOMEM QUE SABIA DEMAIS», com a grande cantora Doris Day e James Stewart.

REVISTA «MUNDO»

A Revista «Mundo» magnífica publicação que semana a semana firma a sua inextinguível categoria, está presentemente a organizar um sensacional concurso que terá o nome de «Férias de Graça, para todos».

O novo concurso que distribuirá prémios no valor de 1.000.00\$; oferecerá aos seus concorrentes viagens a vários pontos do Mundo. Tal concurso está a despertar o mais vivo entusiasmo por todo o país.

Assina e propaga «Notícias do Algarve»

Seja económico Poupe muito dinheiro PREFIRA A TIPOGRAFIA SOCORRO FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica. VILA REAL DE STO. ANTÓNIO Telefone 59 Apartado 3

ENVIADA

VENDE-SE. EQUIPADA COM MOTOR «DEUTZ» DE 36/40 H. P.

PORÃO AMPLO. COMPRIMENTO 12,50 metros

Tratar na rua D. Carlos I, 14-A

PORTIMÃO

SINFONIA ALGARVIA

em quatro andamentos

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

za, os rios e os montes, as pedras e o pólen das flores, aguardam num alvoroço de que nós, homens, só os velhos, os poetas e as crianças entendem!

Não sei que se passa em todas as amendoeiras do meu país. Gostaria de o saber, palavra! Mas não hesito em considerar a amendoeira do meu quintal, a primeira entre todas que floresceu. É um título que lhe fica bem, uma honra que merece... Possa embora não corresponder à realidade.

Haverá por aí outra qualquer que o dispute?...

2.— A flor das amendoeiras algarvias tem sido cantada imensas vezes. Manto fantasista que cobre o Algarve de irrealdade!

A lenda do príncipe mouro que mandou cobrir o Algarve de amendoeiras, para dar à sua bela e nórdica amada uma ilusão do país natal, quando as árvores floressem, tem servido de tema aos maiores poetas algarvios.

E todos os anos, sempre, o milagre se repete. E todos os anos, sempre, com a aproximação da Primavera, se recortam no céu-azul-puríssimo do Algarve, os cachos brancos e rosados de flores que cobrem os galhos, até então nus, isolados, com o seu quê de tragédia, das amendoeiras. A atmosfera algarvia se impregna, então, de um perfume de estufa, o perfume morno, adocicado e sensual dos milhões de flores e pétalas que, desprendendo-se, vêm juncar o solo milagroso das trinta léguas do nosso Algarve.

Todos os anos, pela quadra que se aproxima, a nossa província é um paraíso em que se torna difícil descobrir onde acaba a realidade e começa a fantasia; é um jardim maravilhoso onde evoluem o sabor do capricho, da acaso, da inspiração, as abelhas, os pássaros e...

3.— ...os turistas.

Sim, todos nós, os algarvios, se conhecemos e amamos as nossas abelhas e os nossos pássaros, também conhecemos essa outra espécie, a humaníssima, plena de curiosidade e interessada avalanche de turistas que, ano após ano, nos visita para levar de nós, como recordação, um pouco daquilo que o Algarve pródicamente esbanja: beleza: das nossas praias e do nosso sol, dos nossos usos e costumes, da nossa gente, da nossa flor de amendoeira.

E se em relação às praias, ao mar e ao sol, o turista, o bom, pacífico e gordo burguês, é atraído pelo anseio de aventura que reside em cada um de nós (oh, as

praias algarvias, de sol e salitre amargo, como uma chicotada de fogo!), se em relação às gentes, usos e costumes há, como força atractiva, um maior ou menor anseio de conhecimento mais ou menos folclórico (o corridinho, o corridinho das desfolhadas saltitante e vivo!), no caso da flor da amendoeira, encontro uma curiosidade mais pura, mais humilde, mais próxima daquele outro lado, singelo e pacífico que, afinal, todos nós conservamos, apesar das agruras, dos pesadelos, da realidade pungente da vida!

Eu creio na flor de amendoeira como o mais belo que o Algarve oferece. Respeitemo-la. Consideremos o milagre da brancura algarvia, como uma dádiva da natureza que é preciso receber com um agradecimento nos olhos e na boca. Por um momento que seja, consideremos essa dádiva como uma mensagem de paz, mais compreensão e amor entre os homens, mensagem que a natureza transmite por intermédio das flores, símbolos de pureza, frescura e inocência. Mas pensemo-lo activa, não contemplativamente.

E, sobretudo, nós, algarvios, saibamos receber quem nos visita com hospitalidade e carinho. O turismo será, na verdade, uma das forças mais activas de aproximação entre os povos, quando se considerar o turista como o nosso melhor amigo.

4.— E que temos nós feito nesse sentido? Será praticar turismo, o deixar o turista entregue a si próprio, ao acaso de pensões e hotéis superlotados, à contingência duma situação anormal que só nos desprestigia e desfavorece?

Se por um lado, as condições do Algarve para as práticas do turismo, ultrapassaram já as nossas fronteiras e começam a ser conhecidas no mundo que nos está mais próximo, por outro lado, torna-se necessário encarar objectiva e friamente uma situação que todos reconhecem insustentável, procurando dar-lhe o devido remédio.

A flor de amendoeira aproxima-se com tudo o que representa, incluindo a invasão dos que querem admirar o espectáculo maravilhoso que o Algarve será daqui a pouco. É chegada a altura de se pensar num turismo sério e estruturado.

MEUS SENHORES, E' CHEGADA A ALTURA!...

Candelas Nunes

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

Farense, 1 — Arroios, 3

Na primeira parte, um só golo, aos 19 minutos. Vieira marcou um livre a meio da parte defendida pelo Arroios e Remigio, desmarcando-se rápido, desfechou à queima roupa o «tiro» certo.

No segundo tempo, aos 9 minutos, Severiano, aproveitando um cruzamento frente à baliza de Ventura 1.º entrou de cabeça, estabelecendo a igualdade.

Aos 11 minutos, Adelino, a direita, fez o passe, consentido por J. Maria, Severiano, que marcou, atirando para o lado contrário onde se encontrava o guarda-redes.

Novamente, a dois minutos do final da partida, e num contra ataque contra a corrente do jogo, Severiano, uma vez mais, rematou, batendo Ventura 1.º que se encontrava fora da baliza. Assim ficou o resultado em 3-1.

Uma vez mais o Arroios confirmou a tradição de bons resultados contra os grupos algarvios. Se quisermos, no entanto, desculpar a má actuação dos «leões» de Faro perante o seu próprio público, teríamos que saltar à verdade, pois a actuação da equipa em todos os sectores foi fracamente abaixo da craveira habitual.

No primeiro tempo, assistiu-se a jogu no centro do terreno, bons ataques, se bem que pouco eficientes dos algarvios e descidas perigosas dos lisboetas, a explorarem bem a velocidade de Severiano e Custódio.

A defesa local, longe de uma actuação brilhante, aguentava bem o embate com Reina, demasiado avançado, descobrindo a área à sua guarda sendo chamado à ordem por Vieira.

A linha da frente, no entanto, perdeu grande parte da eficiência a partir dos 20 minutos com a saída de Vinagre, lesionado. Este tornou a entrar, sem poder, no entanto, prestar o concurso à equipa. Assim, teve de sair pouco depois, definitivamente.

Coruchense, 0 — Olhanense, 3

Ao intervalo, os grupos encontravam-se empatados a 0-0.

No segundo tempo, aos nove minutos, os algarvios marcaram a primeira bola. A jogada partiu de Parra, que lançou Angelo na melhor altura. O avançado-centro de Olhão, em duas pernadas, galgou a defesa contrária, e quando José Maria abandonara a baliza, a fim de reduzir o ângulo de tiro, rematou a um canto, sem apelo.

Aos dezasseis minutos, novo golo da equipa visitante e, mais uma vez, obtido pelo seu avançado-centro. O lance nasceu em Poeira, que, «apertado» por um adversário, entregou o esférico a Cava. Este progrediu no terreno, viu Angelo desmarcado e «den-lhe» o conro. O guardião local neutralizou a jogada. Mas Angelo, atento, antecipou-se-lhe com um chute pleno de colocação e mandou a bola para as malhas.

Passados apenas três minutos, o Olhanense alcançou o terceiro e último golo. Poeira serviu Parra, que desde o meio campo se lançou a caminho da baliza do Coruchense, em grande velocidade. Os defe-

sas contrários apareceram-lhe pela frente, mas o número 8 algarvio, um a um, levou-os todos de vencida. Por fim, José Maria viu-se só entre os postes e decidiu-se a sair ao seu encontro, para lhe frustrar o golpe final. Mas Parra apercebendo-se exactamente do objectivo do guarda-redes de Coruche, antecipou-se e fez com a maior calma o golo.

Montemor, 0 — Portimonense, 2

Os visitados foram os primeiros a marcar; no entanto, o golo não chegou a ser considerado pelo árbitro, que ordenou pontapé livre favorável aos visitantes.

Depois do grupo alentejano estar em inferioridade numérica (Frazão saiu magoado) conseguiram os algarvios o primeiro golo por intermédio de Di Paola, em remate de longe, aos 18 minutos. O guarda-redes André não foi expedito na defesa.

Decorridos 5 minutos, Alexandrino, que se havia esgueirado na sua ala, desfeiteou André. No segundo tempo, embora as oportunidades surgissem amiúde, os avançados não atinaram com a melhor maneira de neutralizar o poder dos defesas.

Nunca o Portimonense tinha ganho no estádio de Montemor. Se não fora alguns percalços do guardião e a saída de Frazão e de Carmo, igualmente magoado, os montemorenses teriam talvez evitado a derrota.

A favor do vento, os algarvios aperceberam-se da falta de confiança de André e procuraram surpreendê-lo com remates de longe, com êxito. Os antagonistas, com dez unidades em quase toda a primeira parte, facilitaram a tarefa. Todavia, o grupo dispôs de linha defensiva credora de elogios, com realce para Daniel.

Mais uma vez o União de Montemor, a par de pouca sorte, não possui quem no terreno ordene os lances de ataque.

A partir da meia hora da parte final, as trocas de jogadores fizeram-se com mais sentido.

Outros resultados

Beja, 4 - Montijo, 1
Atlético, 1 - Almada, 0
Juventude, 3 - Serpa, 2
Portalegrense, 4 - Estoril, 1

jogos para hoje

Olhanense-Montijo; Almada-Coruchense; Serpa-Atlético; Portimonense-Juventude; Arroios-Montemor; Estoril-Farense e Portalegrense-Beja.

HOJE:

em Vila Real de Santo António (Pelas 15 horas)

LUSITANO-SILVES

A contar para o Campeonato Nacional da III Divisão

Chávenas de Café QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

CRITÉRIO DA MAIORIA

A maioria volta-se quase sempre para o vencedor. Aos olhos dela quem vence tem sempre razão, merecia sempre vencer. Aonde vai êxito vai prestígio.

Estúpido critério—mas o critério da multidão é quase sempre asinino. Juntam-se os homens crescem-lhes as orelhas. Importa que o tempo peneire os factos—separando a farinha da verdade do farelo da mentira.

MORTES A PRAZO

TRIUNFOS EFÊMEROS

A morte literária de uma obra, por virtude de uma crítica injusta, nunca é definitiva. E também a subida de uma obra mediocre, por virtude de uma crítica louvaminheira, é sempre efêmera. O morto de hoje há-de ressuscitar amanhã, e o mediocre que hoje foi posto nos chifres da lua será amanhã pendurado no cabide do esquecimento. O tempo, que é galant'homem, se encarregará de dar a cada coisa o seu justo valor.

TÍTULOS DE LIVROS

A primeira idéia de Tristão de Ataíde, em relação a certo livro seu, foi baptizá-lo com o

O POSTO ESCOLAR DE PÃO DURO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

o meu filho faz o que eu nunca fui capaz de fazer.»

Eu não encontro, pelo menos para as bandas do sul, muitos exemplos de solidariedade, compreensão e dedicação como este.

Perturbaram-lhe a sua natural satisfação do modo mais ingrato—estinguíram-lhe o posto, a que eles com razão e justificado orgulho, podiam chamar o nosso posto.

Motivos que se alinharam para isso, não sei, ou sei-os tão vagos que dou-os por inconsistentes. Já então não vivia no meu concelho.

Sei que a casa lá está, desabitada, testemunha da ingratitude e da incompreensão de quem devia atentar nestas coisas.

Exemplos como estes acarinham-se e apontam-se para que sejam seguidos.

Pequenas coisas são estas? Quem dá atenção a uma gota de água? E todavia a chuva que faz procriar a terra é formada por gotas de água.

A um canto da casa vinga uma oliveira a cuja plantação também assistí. Dizem-me que está desenvolvida, que os seus ramos se estendem num gesto acolhedor e que os seus frutos se oferecem para alimento e luz.

Ela que é um símbolo de paz será também um símbolo de esperança? Que assim seja, são os nossos votos.

Trindade e Lima

título de Psicologia condicionada, porque era esse o título que, em seu ver, se lhe ajustava perfeitamente. E vai daí o editor, com velha experiência, diz-lhe: — Não, senhor, não pense nisso. Por esse caminho, éramos os dois a perder.

Sem atraiçoar a idéia mestra, o autor deu ao editor, a pedido deste, uma longa lista de títulos, entre os quais figurava Ilda, Sexo e Tempo. O editor não hesitou. Optou por esse título.

Com o primeiro dos títulos —Psicologia condicionada—o livro estaria, ainda hoje (é de presumir), a entulhar os escaparaes do livreiro, como coisa tabú. Com o outro, o Sexo entalado entre a Idade e o Tempo, já em 1945 tinha trepado à 5.ª edição...

Não basta que o vinho da garrafa seja bom. Importa que o rótulo da mesma seja aliciente. Bom vinho, com lindo rótulo, sabe duas vezes bem... Assim com o vinho, assim com os livros.

PLAGIADOR E PLAGIADO

Certo escritor, ao encontrar-se com outro que o plagia miseravelmente, disse-lhe o que Mafoma não disse do toucinho. Vai daí, o plagiador sobre nas tamanquinhas da impertinência, e responde ao plagiado:

—O sr. sabe com quem está falando? Olhe que eu sou Furtado Pitanga!

—Pitanga será. Mas o furto do sou eu.

CÉREBRO

Do cérebro precisamos para dirigir uma casa, tanto como para governar um navio, comandar um exército, escrever um livro, ou formular uma hipótese. De certo que o cérebro não segrega o pensamento como o fígado segrega a bilis. Mas assim como a saúde do fígado assegura a perfeição das suas funções, assim também a saúde do cérebro garante a perfeição do pensamento.

Por mais paradoxal que possa parecer, estamos fazendo obra de espiritualização, na medida em que cuidamos do corpo. Cuida do fruto, quem cuida da árvore.

TRANSCRIÇÃO

O artigo «Olhão e... Dinamarca», da autoria do nosso ilustre colaborador sr. dr. F. Fernandes Lopes, é transcrito, com a devida vénia, do «Diário de Lisboa».

PESCA DESPORTIVA

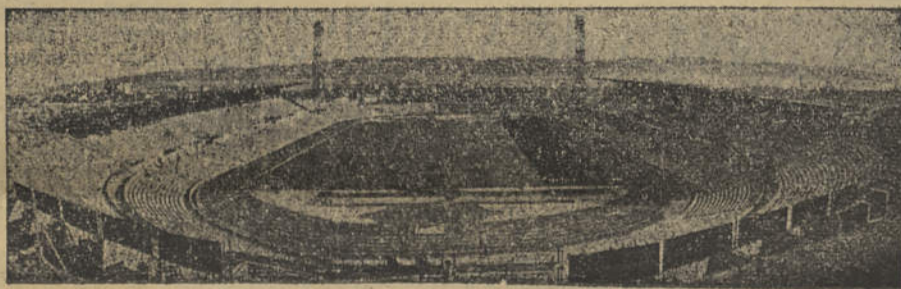
A Direcção do Clube Náutico, convida todos os amadores de Pesca Desportiva a comparecerem na Sede deste Clube, na próxima segunda-feira, 20 do corrente, às 21,30 horas, a fim de se tratar da criação da secção de Pesca Desportiva.

BARCO

Vende-se uma embarcação com 10,70 comp. Boca 3,25, Pontal 1,14 - com apetrechos de pesca do alto, servindo também para enviada, equipada com motor Bolinder's 50 HP: com 2 anos de serviço e aparelho de rádio.

Informa: José de Oliveira Rocha

Rua da Boa Vista — FUZETA



Vista do Estádio do Restelo do Club Futebol «Os Belenenses»

Esta magnífica obra foi pintada com

SILEXORE

Justamente porque, junto ao mar, precisava de ser protegida da acção salina

SILEXORE

E' uma pintura petrificante, impermeável, ininflamável e decorativa. 10 anos de garantia torna-a Económica como nenhuma

DISTRIBUIDOR GERAL

V. T. MARTINS

Rua da Prata 59, 3.º Esq. — Telef. 23690-25721 — LISBOA



serras - serrotes

E DEMAIS FERRAMENTAS PARA AS INDUSTRIAS DE MADEIRA, CORTIÇA, CURTUMES E MINAS

fita de serro

KLOSTER

F. RAMADA, L.ª

OVAR

LISBOA • PORTO • AGUEDA • LUANDA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tas participações, tendo me vista a justaposição de interesses das várias municipalidades e as respectivas possibilidades de execução dos empreendimentos. Assim, ao distrito de Aveiro são concedidas participações no total de 7.413.807\$00; ao Beja — 4.926.841\$00; ao de Braga — 8.493.176\$00; ao de Bragança — 3.663.941\$00; ao de Castelo Branco — 11.991.150\$00; ao de Coimbra — 7.720.742\$; ao de Évora — 8.803.893\$00; ao de Faro — 18.801.882\$00; ao da Guarda — 10.646.787\$; ao de Leiria — 5.607.099\$00; ao de Lisboa — 6.078 contos e oitocentos e trinta e dois escudos; ao de Portalegre — 1.664.669\$00; ao do Porto — 8.845.227\$00; ao de Santarém — 13.651 contos e trinta e cinco escudos; ao de Setúbal — 1.894.523\$00; ao de Viana do Castelo — 2.553.015\$00; ao de Vila Real — 2.770.506\$00; ao de Viseu — 10.564.087\$00; ao de Angra do Heroísmo — 5.073.910\$00; ao do Funchal — 3.624.660\$; e ao de Ponta Delgada — 3.000.000.00.

Será, pois, o ano de 1958, um ano de labor intenso em prol da distribuição de energia eléctrica pelo País e vincará, sem dúvida, a política em boa hora iniciada e prosseguida sem hesitações no sentido de levar aos pequenos meios rurais essa imprescindível força de progresso e de comodidade.

Visado pela Comissão de Censura

OLHÃO E... DINAMARCA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

preendidos por se encontrarem diante do velho dr. Lopes de quem o dr. Job fala como de *ein Phaenomen*, tendo-me visto através da sua lisonjeira imaginação de literato... E combinámos, depois do novo encontro nessa noite, em que os levaria em digressão através do labirinto olhanense da Barreta e da típica *Travessa dos Abraços*, percorremos na manhã seguinte, no *Wolswagen*, que traziam, a vila, com a subida aos mirantes mais altos, da *banda do levante* e do poente, para assim levarem de Olhão uma visão panorâmica completa e exacta — e não só visão nos olhos, mas captação fotográfica, pois esquecia-me dizer que o casal é de fotógrafos de Imprensa, de Lyngby—*Pressfotograf*, ele, segundo o cartão que me oferece, e sua esposa, ela, segundo o passaporte que casualmente lhe vejo...

Depois do passeio nocturno, mostrando-lhes no Café Comercial, as muitas e bellissimas grandes fotografias mais representativas da característica olhanense de *soteias*, *mirantes*, *contramirantes* e *pangalos*, muito palestrámos sobre várias particularidades dos nossos respectivos países... Não é de admirar que na Dinamarca não haja amendoeiras, só conhecendo eles as amendoeiras, lá como fruto estrangeiro... Mas não conheciam senão as amendoeiras duras, e nunca tinham ouvido falar, nem faziam ideia das *farrobas* que se dão aqui a comer ao gado, mas que as pessoas também comem, cruas ou torradas, fruto seco, doce, excelente... A tal respeito, aproveitei o ensejo para lhes explicar que, dizendo-se em português *alfarroba*, aqui no Algarve se diz *farroba*, com mais arábica propriedade linguística, sendo supérfluo repetir o artigo representado pelo *al*. E do mesmo modo se diz *soteia*, em vez de *acoteia*, visto ser corrupção lusitana de *assotua* que em árabe quer dizer o *torraço*. (O mesmo para o *Corão*, em vez de *Alcorão*...). Curiosa foi a revelação que me fizeram da reacção nacional dinamarquesa durante a ocupação alemã, deixando os Dinamaqueses crescer os cabelos e a barba, nas mais diversas configurações, para se não confundirem com as cabeças rapadas e as caras glabras dos detestados nazis!

A digressão matutina, embora um pouco *à vol de ciseau*, dados os meus afazeres e a coincidente pressa de eles, em seguir para Espanha ainda cedo, foi no entanto suficiente para admirarem bem o panorama geral e os panoramas parciais e fragmentários, que bastante fotografaram, desta terra, pelo seu aspecto aéreo, única no Mundo, — pois assim se pode logicamente considerar, visto, conforme o dr. Job bem marcou no seu livro *ser uma terra como não se encontra nenhuma outra na Europa*; e, não se encontrando tão-pouco nada igual nem em Marrocos, nem pela orla norte-africana fora, nem em todo o Oriente, próximo ou remoto, não haver outra conclusão a tirar... Levianamente, pode-se falar de Marrocos, mas é preciso não confundir as realidades: em Marrocos as casas têm *soteias*, sim, mas estas, ou não têm parapeito, ou o têm muito baixo, visto não serem utilizadas para se subir lá, e em particular (como me asseverou aqui o professor Lévi-Provençal), as mulheres estarem proibidas pelo Corão de ali se exibirem... Ora em Olhão, não há *soteias* senão de parapeito alto. E, por outro lado, como em cima da *soteia*, a um canto, se põe uma casa — a *casa de cima da soteia*, ou a *casinha*, como também se lhe chama —, esta casa termina, não por um telhado, mas por uma nova *soteia*, naturalmente mais pequena mas também de parapeito alto, a que se chama o *mirante*, ao qual se sobe por uma escada fixa de pedra e cal, temos assim uma sobreposição de terraços que não se encontra em nenhum outro sítio. E como sobre este mirante se eleva, por vezes, a um canto, um outro mirante, ou mesmo um autêntico 2.º mirante, mais pequeno mas da mesma largura e feição, chegou-se aqui até 3 terraços de parapeito alto sobrepostos. Outra particularidade é a seguinte: o Olhanense, como o moiro, impede a sua *soteia* ao estranho: quer dizer, só se pode subir à *soteia* de dentro de casa, nunca da rua (como uns arquitectos ignorantes aqui vieram fazer há anos num bairro novo, modelar, de resto em tudo o mais...). De modo que, se a casa tem quintal, se subirá a partir deste. Mas se o não tem, então... forçoso se torna romper o pavimento da *soteia*, — mas não fazendo um alçapão de

levantar a baixar (como outros ignorantes arquitectos aqui vieram inovar em casas dum outro excelente bairro mais moderno) mas sim, seguindo a tradição de elevar sobre a *soteia* um alçapão fixo, uma espécie de guarita, com uma parte inclinada servindo de tecto à escada e outra horizontal que serve de tecto ao patamar, à entrada para a *soteia*, com a respectiva portinha. Ainda sobre o plano inclinado, ladrilhado, se põem por vezes uns degrauzinhos que permitem a subida ao tecto do patamar, o qual então, cercado dum parapeito alto que lhe dá o aspecto de um púlpito, constitui um embrionário mirante...

Eis o que se nota em Olhão, pode dizer-se sem receio, e em parte nenhuma mais, como coisa própria e tradicional, à qual nenhuma melhor comprovação *científica mundial* poderia ter sido trazida do que a dos 35 membros do Congresso Internacional de Geografia, há meia dúzia de anos realizado em Lisboa, os quais digressando aqui, eu tive a honra de receber e acompanhar, homens de ciência e pessoas viajadas, dos mais diversos países, inclusive um Turco, professor em Ankara, e por mim interrogados, tive o gosto de ver que foram unânimes em me dizer que isto que se via aqui não tinha igual em parte alguma.

Voltando ao casal dinamarquês, a quem em minha casa mostrei o retrato das mais novas das minhas cinco filhas—Selma, de tipo e afinidades nórdicas de espírito, — talvez pela via do sangue de meu pai, oriundo do núcleo céltico tradicional de Quelfes (corrupção lusitana do germânico *Welfen*), pedi-lhe, como recordação,

que me mandassem uma gramática e um dicionário da língua do seu país, pois bem poderia a minha germânica filóloga curiosa algum dia ter interesse em aprender, também dinamarquês...

Do meu amigo olhanense (o F. Cruz) que descobrira o casal e me chamara para eu o socorrer, levou este, como recordação amável e saborosa a oferta de 4 excelentes latas de sardinha portuguesa em azeite puro das nossas oliveiras—conserva de fabrico esmerado especial para consumo privativo, e uma garrafinha de amostra de Vinho do Porto, dum tipo superior. Não quero esquecer, pela sua ingenuidade, a espontânea oferta, por uma humilde mulher do povo, numa casa a cujo mirante subiram, de uma minúscula imagem rósea de Nossa Senhora de Fátima, na sua redoma — presentezinho que muito cativou a gentil dinamarquesa...

Assim, por esta forma de pura generosidade algarvia, retintamente olhanense, se faz, à margem do Turismo oficial, propaganda das nossas virtudes, dos nossos aspectos e dos nossos produtos—levada, no caso, até à revelação da existência de amendoeiras cocas, que se partem a dente, e das farrobas de que o casal levou também um cartuxo cheio, tendo eu partido uma que lhes dei a provar, saboreando-lhe eles, como eu, a doçura — para eles de novidade absoluta...

Tão contentes se foram, que ficaram de voltar daqui a dois anos!

Então, prometemos: o meu amigo Cruz saber já falar inglês e eu ter refeito devidamente o meu alemão de há cinquenta anos!...

Francisco Fernandes Lopes

Uma crónica por semana

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Na vasta panorâmica da imprensa portuguesa nota-se a falta dessa consciência. Quase podem contar-se pelos dedos os jornais que estão bem entregues neste capítulo.

Gostaríamos muito de manter uma secção de crítica construtiva, onde fossem sistematicamente analisados, com detença e em profundidade, os numerosos periódicos que entre nós se publicam. Tal cometimento, porém, é difícil de realizar porque, para se manter uma crítica honesta várias seriam as susceptibilidades feridas. Isto admitindo a hipótese que algum jornal estivesse disposto a publicar nas suas colunas uma crítica aos seus colegas e até mesmo a ele próprio.

Vimos já num jornal de publicação recente uma secção semelhante, embora não tivesse a amplitude e a profundidade que gostaríamos de dar à nossa.

Para uma formação consciente e segura da mentalidade que nos falta, nada há, hoje em dia, mais necessário do que a crítica — quando ela é inteligente e construtiva. Infelizmente até a crítica se recente da falsa mentalidade e incultura que nos rodeia.

Quanto espaço precioso se desperdiça nos jornais com artigos e artigos que, além de serem — quantas vezes! — tremendamente mal escritos, não têm o mínimo interesse ou qualquer utilidade prática. Quantas vezes vemos exaltar pseudo-valores que só existem na imaginação do escrevinhador, enquanto os outros, os reais, os autênticos, ficam na sombra do esquecimento. E do mesmo modo quantos artigos de valor são relegados para as páginas interiores ou para os finais das páginas, enquanto outros sem os mínimos predicados se

apresentam com toda a solenidade e destaque.

Orientar um jornal não é tarefa fácil. Todavia um pouco de sagacidade evita muita coisa.

Apontar o que de bom e mau chega às nossas mãos é quase uma obrigação, mas uma secção de crítica é, igualmente, quase impossível.

Resta-nos, pois, que os leitores façam por si mesmos a selecção. Assim, o que é mau desaparecerá por si e, desta forma, todos lucrarão. Mas para que os leitores seleccionem também, muito há que exigir deles.

Para já podem os leitores exercer essa acção de crítica escrevendo directamente aos periódicos as suas opiniões.

José dos Santos Marquês

OBRIGADO E LOUVOR AOS JOGRAIS DE S. PAULO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nas grandes tragédias em que se vasa, candentemente, a realidade crueza do nosso tempo.

Autênticos arautos da Poesia, «Os Jograis de S. Paulo» desbravaram, primeiro em seu país, a floresta cerrada da indiferença, rasgando sulcos, semeando e cultivando a arte de dizer poemas, numa entrega total, em uníssono coro das suas vozes magníficas, filtradas pela sensibilidade requintada do poeta Ruy Afonso, director destes Jograis modernos que vieram a Portugal, a convite do nosso Governo, numa das mais belas embaixadas de Cultura que pode desejar um intercâmbio de promessas.

E na verdade surpreendente, neste tempo de materialidade neste vértice de civilizações mecânicas, cilindantes e absorventes dos valores eternos do espírito, que a Poesia se transfere pela voz destes Jograis em instrumento de comunicação, transmitindo-se aos homens, banhando-os da sua diáfana e contagiante pureza, pelo processo simples dos velhos Coros gregos, de que os Tebanos de Sófocles são os inspiradores.

Nem se pode dizer que a Poesia resulte teatralizada deste conjunto de vozes — estudada escala de timbres — mas, outros-



PARA muitos mortais, o dinheiro é o brigue de falsa-linha com que navegam neste mar da Vida. Com ele julgam comprar o que sem ele, não teriam probabilidades, por méritos próprios, de o fazer. Presentemente o dinheiro até serve para comprar amizades que noutros tempos se cimentavam com os anos. Há, todavia, uma diferença na amizade comprada e na amizade contraída com o tempo. Aquela é falsa, amigável e rodeada de afabilidades, depende de quaisquer favores e às ordens de V. Exa. porque assim tem de ser; e esta é simplesmente sincera. Existe muita gente (quantas...) que acode ao seu semelhante numa hora negra e nesse gesto teatralmente estudado supõe ser digno dos maiores louvores lá porque com uns míseros escudos atenua, embora momentaneamente, a fome do desgraçado. Quase sempre, os nobres corações quando dão, dispensam agradecimentos. Dar sem esperar palavras de recompensa ou adjectivos elogiosos, é

A ENTREGA da medalha de ouro

AO COMANDANTE LUÍS FIGUEIREDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

praças, as Corporações dos Bombeiros Voluntários de Almada, Carcavelos, Paço de Arcos, Aljustrel, Odemira, S. Brás de Alportel, Faro, Silves, Portimão, Monchique, e Municipais de Tavira, Faro e Loulé.

Depois de terem usado da palavra os srs. José Rodrigues Marques, presidente dos Bombeiros Voluntários desta vila e António de Moura e Silva, presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, que puseram em destaque as qualidades pessoais do homenageado, e a sua entusiástica dedicação, ao longo de dezenas de anos, pela causa dos Bombeiros, o sr. Matias Sanches procedeu à imposição da medalha de ouro da Liga dos Bombeiros Portugueses ao peito do comandante Luís Figueiredo, o qual agradeceu, visivelmente emocionado.

A encerrar a sessão, o sr. presidente da Câmara prometeu envidar o seus esforços no sentido de poder ser, finalmente, construído o edifício destinado ao quartel dos nossos Voluntários.

A numerosa assistência, que enchia literalmente a sala nobre dos Paços do Concelho, tributou, no final, uma vibrante salva de palmas ao comandante Figueiredo.

A seguir, foi servido, nas salas do clube recreativo Associação Democrática, um «porto de honra», durante o qual se trocaram diversos brindes.

uma virtude. Dar para elevar uma moral sem moral é dizer «ad hoc» em qualquer conversa que se deu, é o ideal para muitos cretinos que querem obrigar o seu semelhante a ver nele um homem bom.

O homem que nada tem mas sente a carteira recheada de notas coloridas, é um imbecil. É um egoísta que vive à base de materialismo, abrindo a boca sensaborona vinte vezes no dia e blasfemando vinte improperios que os outros sorridentes acolhem. Este comparsa de eterna comédia, é o «Abre-te César!» para os demais figurantes que levam o dia a ginsticar curvadelas de espinha. Contudo, eles gostam de tais curvadelas que no seu tacanho entender representa submissão. Mas quantas vezes essa pseudo submissão não encerra um riso sarcástico?

Diz o erudito escritor, sr. A. Santa Clara que «não há homem mais pobre do que aquele que nada mais tem do que dinheiro» — e tem razão. Eles podem comprar o que o pobre não pode comprar, mas nunca ninguém viu o dinheiro comprar a inteligência e a educação. Compram, sim, as paladinhas nas costas, amizades torpes, sorrisos e curvadelas, e também o silêncio. O silêncio do mais pobre e do mais fraco; porquanto faz-se silêncio ante a sua estupidez.

... «Cura te ipsum», homem que és homem — porque tens dinheiro!!!

Emilio Valongo

A MULHER, ESPECIALMENTE A CASADA DEVE OU NÃO EXERCER UMA PROFISSÃO?

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

económica, visto que deixa de ser mero instrumento do homem, para ser, e bem legitimamente, instrumento da sociedade!

Isto, como já disse, quanto à mulher solteira, pois que a mulher casada, quanto a mim, por ser a minha opinião meramente pessoal, tem apenas o direito à profissão sim, mas colectiva, isto é: trabalhar livremente como o homem nas artes, nas letras, na ciência, e nos bastidores da política.

Pois se a mulher casada concorrer também, por meio de concursos, ao emprego público vulgar e ao emprego particular, concursos estes abertos apenas por uma questão de defeza de salários dos seus recrutadores, a mulher começa por prejudicar o homem que, nestes casos, fica em plano inferior ao da mulher, uma vez que o ordenado a pagar a esta fica muito à quem do ordenado que, nos mesmos empregos, teriam que se pagar ao homem. E como

a mulher tem o seu lugar próprio, julgo desnecessário a sua descida aos concursos da mulher-grupo, visto que, neste último caso, resulta de contraproducente para a economia do próprio homem, inferiorizando ao mesmo tempo, indirectamente, a própria mulher.

Os tais concursos, na maioria dos casos, apenas servem para fomentar a crise de emprego do homem, quando não lhe traz desvantagem maior ainda, como seja o vício da mesa do café, crime punido pela sociedade mas que a mesma sociedade não pode condenar como delito do homem, visto ter sido ela, sociedade, quem lhe colocou tal vicissitude em frente dos olhos, fazendo-o substituir, na maioria dos casos, pela mulher, nos tais concursos...

Neste último caso, a mulher escraviza-se a si própria, sem vantagens para o homem e nem para a sociedade, visto que o tempo do emprego lhe absorve todo o tempo que livremente poderia dedicar à cultura indispensável à sua independência.

Portanto, só nos casos já citados, a mulher casada deve exercer uma profissão igual à do homem. Pois de outra forma, a mulher jamais se libertará do lugar — comum que vem ocupando — tão cedo alcançará a liberdade e independência que lhe pertence, continuando, cada vez mais, a inferiorizar-se aos olhos da sociedade e do homem julgado superior...

J. Santos Stockler

UM NOVO COLÉGIO DE ENSINO SECUNDÁRIO em Vila Real de Santo António

Foi superiormente autorizada, a Câmara Municipal desta vila, a vender ao sr. Joaquim Teixeira Marques, director do Externato local, uma parcela de terreno com a área de 5.250 m², situada no lado sul da vila, junto da Escola Primária Masculina, para a construção de um colégio de ensino secundário.

LEITOR

SE COLABORAR PARA A EXPANSÃO DESTA JORNAL, QUE TAMBÉM É SEU, PRESTA UM BOM SERVIÇO AO ALGARVE.

O «Noticias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.